"AS ATRIBULAÇÕES CRESCENTES DA PSICOMETRIA"

WILSON H. GUERTIN, *American Journal of Mental Deficiency*, N.º 2, Oct., 1951.

E' difícil decidir se a avaliação da inteligência está em sua infância ou adolescência porque estamos atualmente interessados em uma nova espécie de criatura. Uma coisa é certa — ainda está

atravessando um processo de crescimento e portanto ainda é imatura.

A maior parte dos problemas associados com a psicometria e a deficiência mental, fundam-se na aplicação de duas posições teóricas diferentes e da confusão que resulta quando pessoas em campos diferentes discutem o mesmo assunto. Talvez ainda mais freqüentemente e gravemente, exalta-se de um ponto de referência a outro sem que se tome consciência dos pseudo-problemas que assim se cria. Êsses pontos de referência podem ser descritos como dois sistemas teóricos. O primeiro que chamaremos "empírico-classificatório", define a inteligência de uma pessoa de acôrdo com o resultado geral do teste. O segundo denominaremos como "clínico-diagnóstico". Utiliza-se das nuances mais sutis do comportamento clínico e psicométrico para descrever a inteligência em têrmos de váriáveis teóricas cognitivas, que são definidas independentemente de outras variáveis da personalidade. Os resultados dos testes interpretados de acôrdo com esta forma de referência refletem o funcionamento integrado de todos os aspectos do indivíduo, mas, ainda assim é feita a análise do quadro geral em variáveis cognitivas e variáveis da personalidade, bloqueando a livre expressão das mesmas.

A aplicação geral da estatística na elaboração e no emprêgo dos testes e a análise bi-fatorial de Spearman forneceram os instrumentos técnicos necessários. Êsses recursos estatísticos foram planejados para o uso de acôrdo com a moldura empírico-classificatória e serviram subseqüentemente como objeções aos sistema teóricos alternativos na descrição das diferenças individuais.

Uma definição de inteligência é extremamente simples para o empiricista — é apenas a capacidade mental de um indivíduo representada no escore total. Não se poderia pedir definição mais exata. O efeito das diferenças individuais nos examinadores seria reduzido ao mínimo com tal processo de medida. Seria possível mesmo empregar "escreventes-psicométricos" com pouca habilitação para dar e interpretar testes. Sòmente se exigiria dêles o conhecimento do modo de administração usado na padronização a fim de se obter um relatório "válido" da capacidade mental da pessoa. Ainda, os indivíduos poderiam ser comparados convenientemente mediante o emprêgo das normas da padronização. De bastante importância é a estatística aplicável no procedimento empírico-classificatório que contribui para aperfeiçoar os testes e sua execução. Outra vantagem mais da definição da inteligência em têrmos práticos, é que o Q. I. pode ser aproveitado para a predição do sucesso acadêmico e vocacional com muita exatidão porque a medida da inteligência é funcional.

Contra tôdas essas vantagens do método empírico - classificatório não seria fácil a um contendor competir. Entretanto, Freud propôs um sistema teórico extenso e altamente abstrato que incorpora o funcionamento intelectual. Foi precedido nisto pelos filósofos que trataram extensamente dos problemas da "mente" em forma altamente abstrata. A mesma coi-

sa precisamente contra a qual os primeiros psicometristas empíricos se revoltaram, a teoria, foi atirada em suas faces por Freud. A despeito da reação que se lhe seguiu no decênio a partir de 1920, vemos os critérios e conceitos dos ensinamentos de Freud incorporados na prática clínica, quer psicológica, quer psiquiátrica.

Bergmann, tanto quanto outros positivistas, apoiam a metodologia de Freud pois observam que à medida que a ciência avança, seus conceitos teóricos tornam-se cada vez mais abstratos. A esta escola se deve em grande parte a demonstração de que a abstração não implica necessàriamente no sacrifício da exatidão e, além disto, estão os positivistas entre os primeiros a insistir nas definições operacionais bàsicamente em têrmos de fatos diretamente observáveis.

Os estudos que se utilizam da técnica da análise multifatorial começam a revelar fatores nos "testes de inteligência" que indicam a influência das variáveis da personalidade e da motivação. Wechsler revê êsses estudos e aponta a necessidade de se encarar os "testes de inteligência" como sendo medidas tanto das variáveis da personalidades como das variáveis cognitivas, misturadas porém de modo inconveniente, em geral. O título de seu trabalho "Inteligência cognitiva, conativa e não-intelectiva" serve para ilustrar a prática usual de se saltar de um ponto de referência a outro na definição de inteligência. E' de se supor que Wechsler emprega a expressão "inteligência não-intelectiva" como pilhéria. Seu interêsse com o isolamento das variáveis da personalidade na avaliação psicométrica da inteligência constitui o método clínico-diagnóstico.

Vários estudiosos da pseudo-debilidade mental têm demonstrado satisfatòriamente o valor do ponto de vista teórico clínico-diagnóstico. Os distúrbios intelectuais funcionais são tratados em têrmos de inibições de impulsos libidinosos e de generalizações dessas inibições. (8, 9, 10, 12).

Os conceitos utilizados nas teorias clínico-diagnósticas são aplicáveis ao comportamento clínico e também ao psicométrico. Tanto as variáveis cognitivas como as da personalidade são definidas e diferenciadas através do uso de informações de casos relativamente completas. Os relatos clínicos de casos mentais não mais apresentam listas de sintomas como nos dias de Pinel, mas sim uma descrição d i n â mica utilizando construtos expostos tanto individualmente como no seu conjunto de complexidades de interações. Tendência semelhante está começando a surgir atualmente nos relatos sôbre casos de debilidade mental.

Apenas duas vantagens podem ser reclamadas em favor da posição clínico-diagnóstica mas ambas são suficientes para o derribamento da posição empírico-classificatória porque se trata de vantagens supremas no progresso de qualquer ciência. Primeiro, as variáveis cognitivas ajustam-se bem em nossa concepção corrente da personalidade. Segundo, a compreensão dessas variáveis intelectuais mais abstratas torna possível tanto predições gerais como específicas. Presumìvelmen-

te, se soubéssemos tudo sôbre as variáveis cognitivas e da personalidade tanto como suas interações em um dado indivíduo, estaríamos habilitados a prever seu comportamento em qualquer circunstância ainda que jamais tivesse ocorrido no passado. Com o sistema empírico-classificatório as predições são feitas na base do que êle executou na mesma situação no passado. Isto implica em que deveriam ser feitas prèviamente inúmeras observações do comportamento para se prever o comportamento em inúmeras circunstâncias. Na prática o psicometrista empírico faz aproximações mediante generalizações de uma amostra limitada do comportamento em um teste de inteligência. Com o sistema ideal clínico-diagnóstico, as variáveis cognitivas e da personalidade poderiam ser definidas por um número finito de observações e tornar possível um número infinito de previsões exatas.

A tarefa do psicólogo torna-se cada vez mais em avaliação da personalidade total numa tentativa de se compreender o indivíduo como uma unidade funcional e verificar se a disfunção mental se origina de variáveis cognitivas menores do que as normais em sua magnitude, ou se deve ser atribuída a desvantagens personológicas, motivacionais ou sensoriais.

E. S.